

ARTIGO CIENTÍFICO

PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS: UM LEVANTAMENTO COM ESTUDANTES DO IF BAIANO CAMPUS SERRINHA - BAHIA

Edna Santana dos Santos¹, Edeilson Brito de Souza², Carla Teresa dos Santos Marques³, Erasto Viana Silva Gama⁴

Resumo: As plantas alimentícias não convencionais (PANC) compõem um grupo de plantas com uma ou mais partes comestíveis, podendo ser cultivadas ou espontâneas, incluindo também especiarias, condimentares, aromáticas e outras, apresentando grande importância cultural, uma vez que seu uso está associado aos saberes tradicionais dos povos e comunidades. Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho foi realizar um levantamento junto a estudantes dos cursos presenciais do IF Baiano *Campus* Serrinha quanto ao conhecimento, consumo, disponibilidade de acesso e interesse em conhecer mais sobre as PANC. Para tanto, utilizou-se de um questionário montado na plataforma Google forms® e divulgado por meio de grupos no aplicativo WhatsApp®. Participaram da pesquisa 48 estudantes dos sete cursos presenciais, incluindo os níveis técnico (Agroecologia, Agropecuária e Agroindústria), graduação (Ciências Biológicas e Gestão de Cooperativas) e pós-graduação *latu sensu* (Inovação Social e Educação do Campo). Os resultados demonstram que 56,3% dos participantes da pesquisa já ouviram falar em PANC, sendo o termo mais conhecido entre os estudantes do curso técnico em agroecologia. Os entrevistados 93,8% já experimentaram alguma PANC, mas seu consumo não é frequente. As espécies mais conhecidas foram o Licuri (*Syagrus coronata*), a Beldroega (*Portulaca oleraceae*) e a Língua-de-vaca (*Talinum sp.*). Os resultados obtidos apontam interesse dos participantes em conhecer mais sobre a temática e todos os seus aspectos e apontam como principal caminho para isso a realização de cursos, elaboração de cartilhas e divulgação em redes sociais. A partir da realização desse estudo foram desencadeadas algumas ações como a realização de minicurso durante a I Semana de Biologia do IF Baiano *campus* Serrinha, a criação de um canal de divulgação na rede social Instagram®, e está sendo produzido um *e-book* com informações sobre as PANC apontadas nesse estudo.

Palavras-chave: PANC, Saberes tradicionais, Segurança alimentar, Educação profissional

NON-CONVENTIONAL FOOD PLANTS: A SURVEY WITH STUDENTS FROM IF BAIANO CAMPUS SERRINHA – BAHIA

Abstract: Non-conventional food plants (PANC) comprise a group of plants with one or more edible parts, they can be grown or spontaneous, including also spices, seasonings, aromatics and others, presenting great cultural importance, whereas their use is associated with knowledge traditional people and communities. Therefore, the aim of this study was to conduct a survey with students of the in-person classes at IF Baiano *Campus* Serrinha as regards the knowledge, consumption, availability of access and interest in learning more about PANC. Thus, we used a questionnaire installed on the platform on the Google forms® and published through groups in the WhatsApp® application. Like this, 48 students from the seven in-person courses participated in the research, including the technical levels (Agroecology, Agriculture and Agroindustry), graduation courses (Biological Sciences and Management of Cooperatives) and postgraduate *latu sensu* (Social Innovation and Rural Education). The results show that 56.3% of the research participants have heard about PANC, being the most popular term among students in the technical course in agroecology. Of the interviewees 93.8% have already tried some PANC, but its consumption is not frequent. The best known species were *Syagrus coronata*, *Portulaca oleraceae* and *Talinum sp.* The results obtained point out the interest of the participants in knowing more about the theme and all its aspects and point out that the main path for this is the realization of courses, preparation of booklets and dissemination in social networks. From the realization of this study, some actions were triggered, such as the realization of a short course during the First Biology Week of the IF Baiano *campus* Serrinha, the creation of a dissemination channel on the social network Instagram®, and an *e-book* with information is being produced about the PANC pointed out in this study.

Key words: PANC, Traditional knowledge, Food security, Professional education

*Autor para correspondência

Recebido para publicação em 06/07/2020; aprovado em 19/09/2021

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - Campus Serrinha. E-mails. ednasanttanakgs099@gmail.com, edeilsonbritoebs@gmail.com, carla.marques@ifbaiano.edu.br, erastovsgama@gmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.35512/ras.v5i3.4670>

INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido, tanto nas instituições quanto nas mídias sociais, sobre a enorme biodiversidade brasileira, no entanto, pouco se tem feito a respeito de práticas que valorizem e recuperem essa riqueza, especialmente a fitodiversidade alimentícia, a qual é ainda pouco conhecida, pesquisada e divulgada, tanto a nível nacional quanto regional. A grande diversidade de plantas espontâneas que servem para alimentação é negligenciada e muitas delas são tidas como “mato” e prejudiciais para as culturas cultivadas, embora sendo de grande importância para os povos que ainda as consomem de maneira tradicional (KINUPP, 2009).

Essa desvalorização das plantas espontâneas está atrelada ao fato de que a nossa alimentação, atualmente, é muito padronizada e restrita a uma quantidade pequena de alimentos, isso está relacionado segundo Kelen *et al.*, (2015) com a agricultura convencional que adota métodos de produção exploratórios, como monoculturas que afetam de maneira drástica dos recursos naturais e destrói os ambientes diversificados. Atrelado a isso, os interesses econômicos e a mídia influenciam as pessoas a adotarem formas de alimentação especializada ao invés da diversificação alimentar. Tudo isso, segundo Brack (2016) influencia diretamente nas expressões culturais nas diversas comunidades tradicionais.

Dessa forma, o termo Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC), surge visando caracterizar esse grupo de plantas que possuem uma ou mais partes comestíveis, que não são utilizados no sistema convencional de produção e servem para alimentação humana, podendo ser cultivadas ou espontâneas, incluindo também especiarias, condimentares, aromáticas e outras, apresentando grande importância cultural, uma vez que o uso dessas plantas se constitui saberes tradicionais. De modo geral, são plantas negligenciadas pelos consumidores pela falta de conhecimento a respeito de sua utilização, já que esse conhecimento não é muito divulgado (KINUPP; BARROS, 2004; KINUPP; LORENZI, 2014).

Essa falta de divulgação e de estudo relacionadas às PANC, faz com que as pessoas não reconheçam o potencial alimentício que elas possuem e acabam considerando-as como “mato”. Abreu e Castanheira (2017) apontam que um dos motivos para que não haja uma mudança na composição alimentar dos brasileiros é que, há poucos recursos governamentais disponíveis para pesquisadores que apresentem interesse nessa área, mesmo considerando os múltiplos usos dessas espécies (GAMA *et al.*, 2019).

O baixo custo de produção, a não necessidade do uso de grandes insumos externos, a facilidade de acesso, o alto potencial nutricional, atrelado ainda ao fato de que muitas delas são plantas de crescimento espontâneas, de usos múltiplos e bem adaptadas às condições climáticas de sua origem, fazem das PANC uma excelente alternativa para garantia da segurança alimentar, em qualidade e quantidade, de muitas

pessoas, principalmente àquelas de baixa renda que não têm condições de acessar uma alimentação diversificada (ABREU; CASTANHEIRA, 2017; GAMA *et al.*, 2019).

Partindo desse pressuposto, é preciso incentivar o consumo cada vez das PANC, pois, além de serem consideradas excelentes fontes nutritivas, é preciso levar em conta que, segundo Kinupp e Barros (2004) trata-se de conhecimentos tradicionais e culturais importantes para a sociedade e precisam ser resgatados e/ou potencializados, visto que o consumo desse tipo de planta era muito comum antigamente e têm se perdido ao longo do tempo em virtude da padronização alimentar.

Visando solucionar esse problema do negligenciamento das PANC na alimentação, Terra e Vieira (2019) apontam para a necessidade de pensar maneiras de divulgação para a comunidade gastronômica e para a sociedade como um todo através de feiras, oficinas, cursos e a inserção dessa alimentação nas escolas como alternativas para que esse conhecimento tradicional não se perca e seja difundido.

Tendo em vista a necessidade de fomentar essas discussões no ambiente escolar e acadêmico, foi realizado um levantamento junto a estudantes dos sete cursos presenciais do IF Baiano *Campus Serrinha* quanto ao conhecimento, consumo, disponibilidade de acesso e interesse em conhecer mais sobre as PANC.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo foi realizado no Território do Sisal, que abrange 20 municípios do semiárido Baiano totalizando uma área de 20.405 Km² e uma população de 582.329 habitantes (SEI, 2018), especificamente no Instituto Federal Baiano *Campus Serrinha*, que possui a maioria dos seus estudantes moradores deste território.

A ferramenta utilizada para coleta de informações foi um questionário estruturado e elaborado na plataforma Google Forms® e divulgado em todas as turmas dos sete cursos presenciais do IF Baiano *Campus Serrinha*, incluindo os níveis técnico (Agroecologia, Agropecuária e Agroindústria), graduação (Ciências Biológicas e Gestão de Cooperativas) e pós-graduação (Inovação Social e Educação do Campo), o respectivo link para preencher esse questionário foi disponibilizado por meio de grupos de WhatsApp® no período de outubro a dezembro de 2018, onde a participação dos respondentes ocorreu de forma voluntária estimulada pela divulgação pelos pesquisados entre os estudantes.

O formulário com as perguntas foi dividido em três partes: a primeira, composta por 8 (oito) perguntas relacionadas ao conhecimento que os estudantes já tinham em relação às PANC; a segunda parte, apresenta 9 (nove) perguntas que buscava identificar as plantas que os entrevistados conheciam e costumavam alimentar-se; por fim, a terceira parte, sem a obrigatoriedade de resposta, visava a identificação de questões globais relacionados aos aspectos alimentares, nutricionais e de difusão do conhecimento sobre as PANC. Ao final do estudo 48 estudantes se voluntariaram a responder o

questionário. Os dados foram tabulados e analisados por meio de planilhas do software livre open office®, por fim, confeccionados gráficos e tabelas para melhor apresentação e interpretação dos dados coletados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conhecimento sobre PANC

O questionário foi aplicado a 48 estudantes, os quais apresentavam idade entre 16 e 44 anos de idade, com representação de todos os cursos do IF Baiano *Campus Serrinha*, destes, 62,5% são mulheres com faixa etária média de 24,7 anos e 37,5% são homens com faixa etária média de 20,8 anos. A maioria dos estudantes entrevistados foi das turmas de Agroecologia (33%) e a turma que teve menor participação foi a da pós-graduação em Inovação Social, com apenas 6,3% de representatividade do total de entrevistados (tabela 1).

Tabela 1: Caracterização geral e o conhecimento básico relacionado às PANC dos participantes do questionário por curso e a totalização desses dados. Número de participante por curso (N), Mulheres (M), Homens (H). Serrinha, 2018.

Curso	Participantes					Sobre o conceito de PANC em (%)					
	N	Total(%)	M(%)	H(%)	Idade (\bar{x})	Já ouvi falar		Sei o que é			
						M	H	Tota l	M	H	Tota l
Agroecologia Gest. de Cooperativas	16	33,0	56,0	44,0	17,25	77,8	85,7	81,3	66,6	71,4	68,8
Agroindústria	9	18,8	67,0	33,0	26,66	0,0	33,3	11,1	0,0	33,3	11,1
Agropecuária	6	12,5	67,0	33,0	23,00	100,0	50,0	83,3	75,0	0,0	50,0
Biologia	6	12,5	67,0	33,0	20,66	75,0	50,0	66,7	75,0	50,0	66,7
Educação do Campo	4	8,3	25,0	75,0	21,33	0,0	33,3	25,0	0,0	33,3	25,0
Inovação Social	4	8,3	100,0	0,0	35,75	50,0	0,0	50,0	50,0	0,0	50,0
Total	3	6,3	67,0	33,0	36,33	50,0	0,0	33,3	50,0	0,0	33,3
Total	48	100	62,5	37,50	23,28	56,7	55,6	56,3	50,0	44,4	47,9

Relacionado ao conhecimento sobre as PANC, podemos considerar que pouco mais da metade dos entrevistados (56,3%) já tinham ouvido falar, mesmo sem ter o conhecimento aprofundado sobre essas plantas, sendo que os entrevistados dos cursos de Agroindústria e Agroecologia apresentaram os maiores percentuais desses estudantes, 83,3% e 81,3%, respectivamente, já os cursos de Inovação Social e Biologia, tiveram os menores percentuais, 33,3% e 25,0%, respectivamente.

Essa falta de conhecimento relacionado a esse tipo de planta está atrelada, segundo Kinupp (2009), à falta de valorização e do reconhecimento das espécies nativas, bem como das ervas espontâneas como

espécies de grande importância ecológica e econômica, muito em função dos padrões sociais de consumo de alimentos pouco diversos.

Apesar de 56,3% dos entrevistados já terem ouvido falar sobre as PANC, apenas 47,9% do total de entrevistados sabiam de fato o que são, sendo que a maioria dessas pessoas são mulheres e, novamente, o curso de Agroecologia (68,8%) apresentou o maior percentual de estudantes que sabiam o que são PANC.

O conhecimento dos participantes em relação às PANC e finalizando a primeira etapa do questionário, foi solicitado que os participantes escrevessem o que eles entendiam sobre esse grupo de planta, apenas 34,4% dos entrevistados responderam, e as respostas foram bastante parecidas e coerentes com o que de fato caracteriza as PANC, de modo geral as respostas podem ser divididas em duas categorias: conceito e exemplos de PANC.

Relacionado ao conceito, um dos participantes respondeu que

“as Panc's são plantas que apresentam potencial na alimentação humana, seja por uso direto ou indireto (subprodutos dessas plantas), que seu consumo não é muito difundido justamente pela cultura pouco desenvolvida em sua utilização. Porém, ainda existem comunidades/famílias que costumam consumir estas plantas, por isso as panc's são excelentes na garantia da soberania alimentar da população além de serem ricas em muitos nutrientes”.

Outro participante respondeu que as PANC

“são plantas que podem ser encontradas no seu quintal e você não sabe que podem ser consumidas, um exemplo é a Moringa (Moringa oleífera), pode ser utilizada na salada suas folhas e flores, além de um suco com suas folhas, a planta possui uma batata até seus 30 dias de vida, onde tem sabor parecido com o rabanete. Plantas alimentícias não convencionais são plantas que possui uma parte comestível”.

Essas duas respostas foram as mais completas e sintetizam bem o que a maioria dos outros participantes respondeu. Dois deles responderam somente o conceito: *“plantas alimentícias não convencionais”* e o outro respondeu apenas conceito de planta, sem foco específico nas PANC.

As respostas coletadas de fato estão coerentes com o conceito de PANC apresentado por Kinupp e Barros (2004), Kinupp (2009) e Kinnupp e Lorenzi (2014): são aquelas espécies de plantas que não apresentam uma quantidade significativa de estudos científicos a respeito do seu consumo e não são produzidas em sistemas convencionais. Esse consumo é feito regionalmente e, por vezes, há algumas espécies consideradas PANC numa região e noutra não e apresentam um valor cultural e nutricional muito importante.

Consumo de PANC

Quando questionados sobre sua relação com o consumo e a identificação de algumas espécies de PANC, 93,8% dos entrevistados afirmou já ter experimentado alguma espécie ao longo de sua vida,

destes, todas as mulheres entrevistadas e 83,3% dos homens afirmaram já ter consumido. 4,2% afirmaram não ter consumido e apenas 2% não lembravam se já havia consumido.

Assim, podemos observar que, mesmo não consumindo de maneira frequente, a maioria dos entrevistados já consumiram alguma espécie de PANC ao longo de sua vida, mesmo entre aqueles que na primeira parte do questionário disseram não saber o conceito e afirmaram nunca ter experimentado. Isso corrobora com a afirmação de Kinupp e Barros (2004) de que o uso dessas plantas eram comuns antigamente, mas, com o predomínio dos interesses econômicos, bem como o desenvolvimento de monoculturas atrelado à globalização do mercado, tais conhecimentos tradicionais têm entrado em desuso, até mesmo entre muitas pessoas da zona rural, esses conhecimentos práticos relacionados ao uso dessas plantas na alimentação têm se perdido.

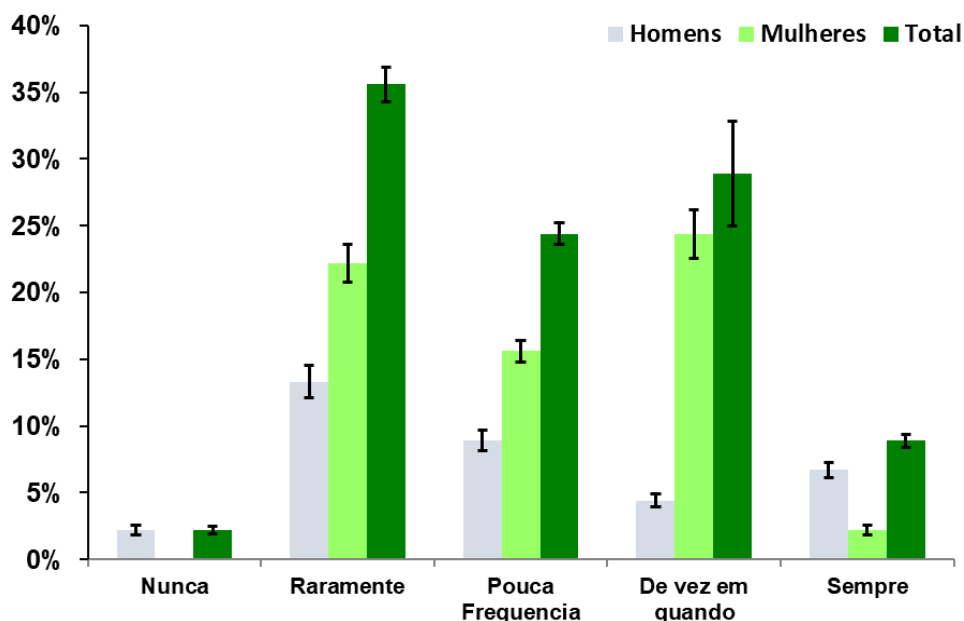
Perguntou-se ainda se quando criança os participantes costumavam consumir PANC, 85,4% afirmaram ter consumido, destes, do total, tanto homens quanto mulheres de forma equivalente, ou seja, as PANC faziam parte do hábito alimentar dos estudantes participantes da pesquisa, quando estes eram crianças. Os que afirmaram não terem consumido ou não lembrarem somaram 14,6%.

A pergunta seguinte visava identificar a frequência que os participantes consomem esse tipo de planta no seu dia a dia, a grande maioria afirmou que consomem com pouca frequência, e uma quantidade considerável afirmou que consomem raramente, o que é comum, já que esse conhecimento vem se perdendo ao longo do tempo. Na figura 1 pode-se observar a periodicidade de consumo total e o comparativo entre homens e mulheres. Vale ressaltar que muitas pessoas consomem PANC no cotidiano, mas, por determinada planta ser comum para elas, estas pessoas acabam não a considerando como PANC.

Baseado na análise das duas perguntas anteriores, relacionando o consumo de PANC entre os entrevistados quando criança e atualmente, percebe-se que com o passar dos anos essa cultura do consumo dessas PANC tem diminuído (KINUPP & BARROS, 2004). Na primeira pergunta quase a totalidade deles já haviam consumido alguma espécie ao longo da vida, 93,8%; relacionado ao consumo enquanto criança, esse índice também é alto, 85,4%; já quando analisamos a frequência do consumo atualmente, esses índices diminuem, 35,6% afirmam consumir raramente e 28,9% consomem de vez em quando.

Hoje, com o crescimento populacional dos centros urbanos há uma pressão para o aumento da produção de alimentos industrializados e em quantidade que, por sua vez, chamam mais a atenção e o paladar dos consumidores, por isso, as plantas alimentícias não convencionais acabam sendo negligenciadas (KELEN *et al.*, 2015). A *Food and Agriculture Organization* (FAO) vê com preocupação a negligência de alimentos não convencional, principalmente pela necessidade de garantia da segurança alimentar e nutricional, especialmente na América Latina (FAO, 2017).

Figura 1: Periodicidade do consumo de plantas alimentícias não convencionais (PANC) por estudantes do Instituto Federal Baiano *campus* Serrinha, agrupados por gênero. Serrinha, 2018.



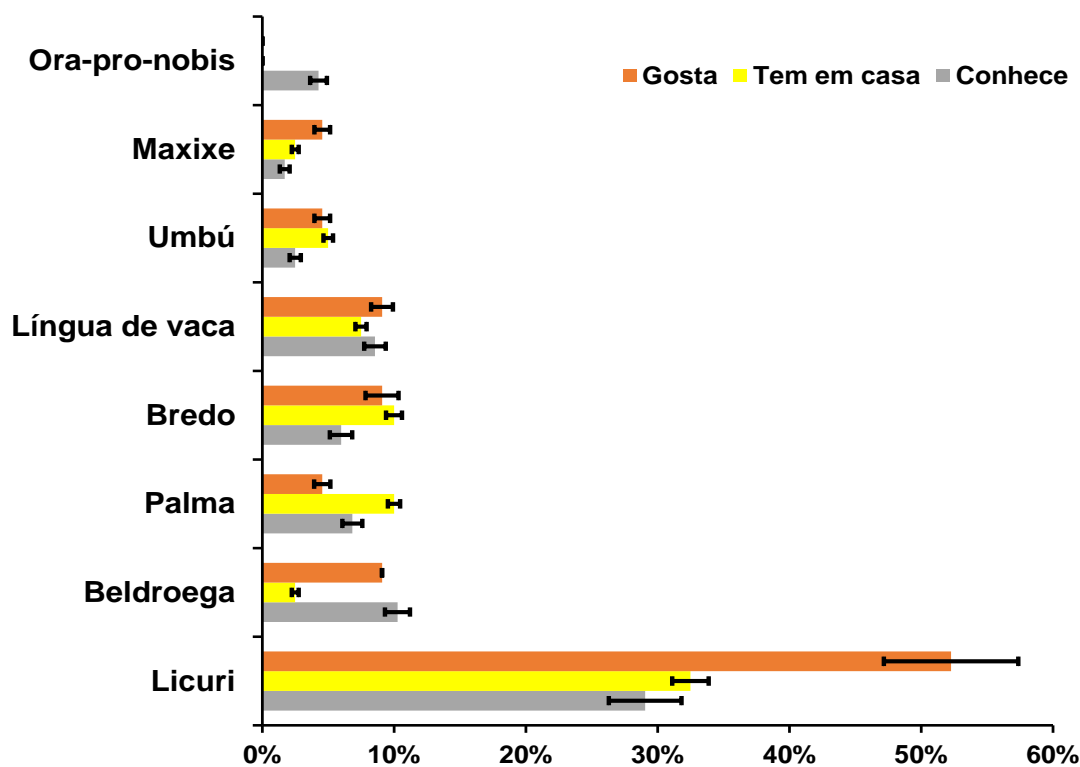
Após diagnosticar sobre a periodicidade do consumo desse tipo de planta entre os entrevistados, perguntou-se quais espécies de PANC eles conheciam ou já tinham ouvido falar que são utilizadas na alimentação, foram então citadas 37 espécies, sendo o Licuri (*Syagrus coronata*), a Beldroega (*Portulaca* sp.) e a Língua-de-vaca (*Talinum* sp.) as espécies mais citadas com 29,1%, 10,3% e 8,6%, respectivamente. Estas espécies já foram apontadas anteriormente em estudos com estudantes de do curso técnico em agroecologia (SANTOS *et al.*, 2019).

Relacionado às espécies que os participantes mais gostam de consumir e àquelas que eles têm em casa. Foram citadas 13 espécies que mais agradam o paladar dos entrevistados, novamente o Licuri assume papel de destaque com 52,3% dos participantes, seguido da Beldroega, Bredo (*Amarantus* sp.) e Língua-de-vaca, todas com 9,1% de aceitação. Relacionado às espécies que os participantes têm em casa, foram identificadas 18 espécies, dentre elas o Licuri mais uma vez assume posição de destaque com 35,5%, seguido da Palma (*Opuntia ficus* spp. L.) e do Bredo, ambos citadas por 10% dos participantes (Figura 2). Estas espécies se diferenciam-se muito pouco das apontadas como de preferência de consumo por Marques *et al.*, (2017), sendo apenas a Ora-pro-nobis, não relacionada na lista dos autores citados.

Diante da análise das plantas que os participantes mais conhecem, gostam de consumir e tem em casa, percebe-se que o Licuri é uma das espécies mais difundidas entre eles, isso está atrelado ao fato de que essa espécie, segundo Carvalho *et al.*, (2014) é uma palmeira nativa, muito conhecida pela sua abrangência no território baiano, que garante a sustentabilidade e a geração de emprego e renda para muitos agricultores familiares do semiárido, pois apresenta enorme potencial energético, ornamental,

paisagístico, forrageiro, alimentício, fitoterápico, além de ser uma espécie que está ligada também às questões culturais e tradicionais da região.

Figura 2: Espécies de plantas alimentícias não convencionais (PANC) mais conhecidas, consumidas e apreciadas por estudantes do Instituto Federal Baiano campus Serrinha. Serrinha, 2018.



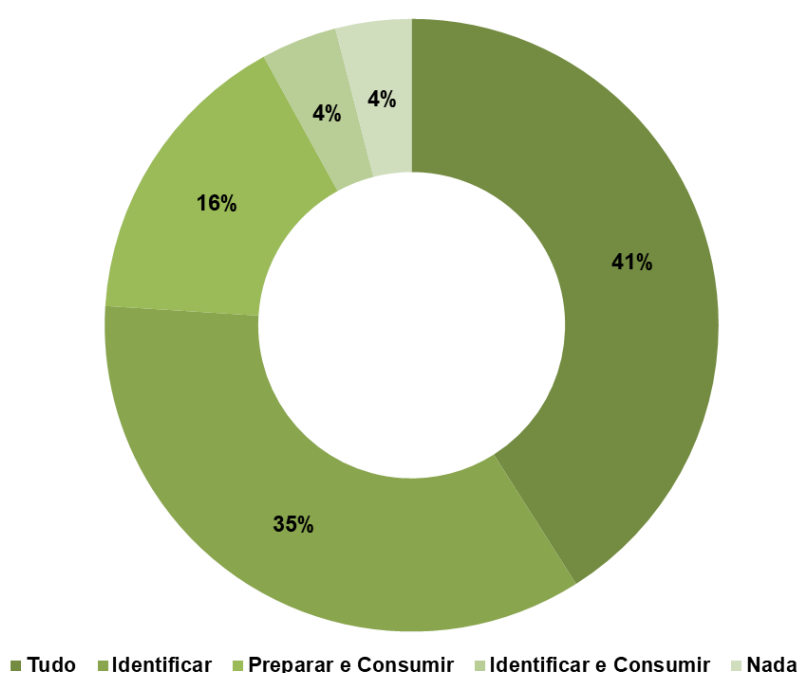
As questões culturais atreladas aos aspectos alimentícios precisam ser resgatados, de acordo com Kelen *et al.*, (2015) o resgate das PANC através de estudo e da sua utilização representam benefícios tanto na alimentação quanto na preservação dos biomas naturais, geração de renda e a preservação e/ou resgate das tradições e culturas brasileiras. Sobre esse fato, 91,7% dos participantes elencaram diversas razões para o resgate dessas plantas, entre elas estão a importância cultural e alimentar.

A maioria deles afirmaram que esse resgate é necessário, pois está muito atrelado aos aspectos culturais e regionais: “essas plantas faz parte da cultura brasileira [...]”, “faz parte da cultura do território do Sisal, pois, acredito que passar o conhecimento para futuras gerações, e não deixar morrer a importância dessas plantas que um dia saciou a fome de muita gente”, “resgatar sua utilização também é inferir a valorização da cultura local, que por vezes é pouco conhecida e pode ser exposta através de coisas ‘simples’ como estas plantas”, “por que além de ser uma cultura existente antigamente e é necessário seu resgate, as panc's oferecem diversos benefícios tanto para as famílias, quanto para o meio ambiente”.

Com isso, percebe-se uma preocupação muito grande no resgate desse conhecimento, pois faz parte da cultura histórica local que vem se perdendo aos poucos, fato que fica explícito quando alguns participantes relatam que tiveram uma relação bem próxima com os PANC quando criança e que hoje essa relação não é mais a mesma. Além disso, há um reconhecimento de que o consumo das PANC pode ser uma alternativa nutricional, econômica, social e ambientalmente viáveis que garante a soberania alimentar principalmente dos agricultores familiares. Principalmente, porque as PANC podem ser cultivadas em diversos ambientes, como quintais, calçadas, hortas, sem o uso de agrotóxicos ou do aporte de muitos insumos externos, algumas dessas plantas são espontâneas o que facilita ainda mais o seu acesso, principalmente entre as pessoas de baixa renda, além de serem nutritivas (ABREU; CASTANHEIRA, 2017).

Observa-se que os participantes estão reconhecendo a importância das PANC e a necessidade de resgatá-las e conhecer mais sobre elas. A respeito disto, perguntou-se aos participantes se tinham interesse em saber mais sobre esse tipo de planta, 98,5% deram respostas positivas, o restante disse que talvez quisessem saber mais sobre. E sobre o que especificamente eles queriam saber, a maioria disse que desejavam saber tudo (41%), seguido das pessoas que queriam apenas saber identificar (35%), com isso, pode-se observar que há uma grande necessidade, expressa entre os participantes, na aquisição de conhecimento sobre as PANC (Figura 3).

Figura 3: Aspectos de interesse dos participantes da pesquisa em conhecer sobre as plantas alimentícias não convencionais (PANC). Serrinha, 2018.



Aspectos alimentares, nutricionais e o conhecimento sobre PANC

A terceira parte do questionário visava identificar as questões globais relacionados aos aspectos alimentares, nutricionais e de difusão do conhecimento sobre as PANC. A primeira pergunta trazia o contexto dos problemas provocados pela má alimentação e questionou-se se a utilização desse tipo de planta poderia melhorar as condições nutricionais da população. Sobre isso, a grande maioria dos participantes afirmou que atualmente a alimentação de muitas pessoas é de má qualidade, uma vez que o uso de agrotóxico, por exemplo, é muito grande e que o uso das PANC se faz uma alternativa viável.

Um dos participantes afirmou que *“[...] como todo alimento estes também detém de valores nutricionais que não devem ser deixados de lado, afinal, com o crescimento populacional, entender até onde e como podemos utilizar os mais variados alimentos é uma forma de integrar mais opções para os indivíduos. Além da facilidade que pode ser encontrar alimentos que por vezes estão no entorno dos consumidores, passando despercebidos e que podiam estar integrados ao uso cotidiano”*, outro ainda afirmou que *“a população atualmente come sempre as mesmas coisas, incluindo muitos produtos industrializados, cheios de venenos. As panc’s, que podem ser encontrados gratuitamente ou por um preço mais baixo seria uma solução inteligente nesse caso”*, essas respostas sintetizam bem o que maioria dos entrevistados afirmou e está de acordo com Abreu; Castanheira (2017): de fato as PANC podem melhorar a qualidade alimentar de muitas pessoas, especialmente àquelas que não tem condições de acessar uma alimentação diversificada.

As PANC garantem a segurança alimentar de muitas pessoas e de acordo com Castro e Devidé (2015) apesar da segurança alimentar e nutricional, ser um assunto muito debatido, não são todas as pessoas que têm esse direito garantido e isso acarreta a problemas de saúde, como a desnutrição, hipertensão, diabetes mellitus, doenças cardiovasculares, obesidade, dentre outras que está ligada à má alimentação e o atual padrão alimentar, na maioria das vezes, não garante uma alimentação saudável, de qualidade e quantidade suficiente.

No que diz respeito a necessidade do resgate das PANC, os participantes levantaram diversas questões sobre a importância alimentar, alguns deles disseram que o resgate das PANC é necessário “por que estão correndo o risco de desaparecerem, já que não interessa a grande indústria (alimentar)”, “precisamos valorizar as plantas regionais, essa é uma questão de saúde pública também. Com o resgate dessa alimentação, poderemos resolver o problema da fome de milhares de pessoas”, “[...] além disso, as pessoas do tempo da minha vó que se alimentava dessas plantas eram e é bem mais saudável”, “pois há uma valorização acerca das plantas locais e aumenta a soberania das populações que se alimentam dessas, já que, em grande maioria são nativas ou bem adaptadas a caatinga”.

A respeito da padronização alimentar dos brasileiros, algo que está relacionado ao agronegócio em que a produção de alimentos é em larga escala e restrito a uma quantidade pequena de espécies. Um dado interessante é que das 10 espécies de frutíferas mais cultivadas no Brasil, nenhuma delas é nativa e o cultivo, pesquisa, valorização e uso de hortaliças nativas é ainda menor, pois muitas delas são tidas como mato, sem considerá-las com a devida importância (KINUPP, 2009). Além disso, Kelen *et al.*, (2015) chama a atenção para o essa problemática que está acontecendo no Brasil, estão “transformando nossos biomas em imensos desertos verdes” (p. 8) e isso traz implicações ambientais e sociais incalculáveis, como a destruição da biodiversidade e da cultura local. Tal fato, para Abreu e Castanheira (2017), traz implicações nutricionais importantes, principalmente entre os mais pobres que não tem condições de ter uma alimentação diversificada.

Foi questionado aos participantes se as pessoas soubessem que muitas plantas que nascem espontaneamente podem ser consumidas, se a qualidade da alimentação seria melhor. Relacionado a isso, a maioria respondeu que sim, um deles relatou que “acredito que haveria sim uma melhora, por conta de o acesso ser mais facilitado quando estes alimentos desenvolvem-se no entorno dos consumidores, porém para que aconteça a real utilização e o melhor aproveitamento, deve-se haver uma conscientização sobre sua utilização, importância e etc.”.

Muitos dos participantes responderam nessa mesma linha de pensamento, citaram várias razões que justificam as PANC serem excelentes alternativas para uma alimentação saudável e diversificada: “muitas famílias têm acesso a essas plantas, mas nem todos tem o conhecimento de que elas podem ser consumidas”, “o acesso a essas plantas é fácil, mesmo entre aqueles que têm renda baixa”, “são plantas livre de agrotóxicos”; apenas um dos participantes afirmou que as pessoas poderiam apresentar algum tipo de resistência no consumo das PANC, justamente porque não é algo comum para muitas pessoas. De modo geral, os participantes afirmaram que essas plantas são importantes na resolução de problemas de saúde como anemia e obesidade, por essas plantas apresentarem um alto valor nutritivo e serem saudáveis.

Sabe-se que as das PANC podem ser aproveitadas várias partes (raízes, folhas, frutos, flores, sementes etc.), mas, muitas das vezes as pessoas desconhecem quais partes podem ser consumidas, na maioria das vezes são mais de uma (KINUPP; LORENZI, 2014). Assim, perguntou-se aos participantes se eles conheciam algum tipo de PANC que podem ser consumidas mais de uma parte, a maioria, 56,3% afirmaram não conhecer, os outros, citaram 17 espécies que podem ser consumidas mais de uma parte, as mais relatadas forma o Umbu (*Spondias tuberosa* L.), a Língua-de-vaca e a Moringa.

Como sugestões para difundir o conhecimento e potencial das PANC, os participantes apontaram a elaboração de cartilhas, divulgação em redes sociais e divulgação em escolas, além de realização de palestras e oficinas, demonstrações, realização de eventos (cursos, oficinas e rodas de conversa),

produção de livros. Esse resultado é reflexo daquilo que aponta Kelen *et al.*, (2015) em que há uma necessidade da inter-relação dos conhecimentos popular e científico, espaços como oficinas, viveiros de mudas, hortas, hortos, dentre outros, são laboratórios vivos de aprendizagem junto com os elementos da natureza e as culturas humanas.

As PANC são plantas que apresentam grande valor alimentício, nutritivo, tradicional, cultural e ambiental (KINUPP; BARROS, 2004; KINUPP, 2009; CASTRO; DEVIDE, 2015; KELEN *et al.*, 2015) como já foi explicitado ao longo deste trabalho, no entanto, o conhecimento a respeito dessas plantas ainda é algo que precisa ser melhoradas, de acordo Kinupp (2009) os valores alimentícios dos produtos produzidos regionalmente, precisam ser melhores estudados e divulgados, pois, vivemos numa época de busca de alimentos mais saudáveis, de origem confiável e que preserve os recursos naturais, além disso, os tabus alimentares necessitam ser repensados e isso pode ser feito por meio de programas educativos, como a comunicação em massa.

É preciso compreender a importância dessas plantas e desenvolver estratégias viáveis para uma maior difusão delas, resgatando os saberes tradicionais e garantindo a segurança alimentar e nutricional de muitas pessoas. Abreu & Castanheira (2017) apontam que o incentivo aos estudos e à divulgação desses resultados pode fazer com que a população tenha consciência e sintam-se sensibilizadas para o consumo dessas espécies de plantas que não são convencionais e que diminuam o descarte de partes de alimentos que podem ser consumidos e apresentam alto teor nutritivo, como cascas de frutas, por exemplo, potencializando assim a preservação ambiental, garantindo a segurança alimentar e nutricional e resgatando muitos costumes tradicionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo realizado, pode-se concluir que as PANC são de grande importância para a região Sisaleira como um todo, devido à grande variedade e cultura de consumo difundida entre a população, embora esta última questão precise ainda ser potencializada, uma vez que, essa cultura do consumo vem se perdendo ao longo do tempo.

Relacionado aos conhecimentos sobre as PANC, os cursos de Agroecologia e Agroindústria apresentaram os maiores índices, fato que pode estar relacionados com os conteúdos abordados em algumas disciplinas que discutem temáticas voltadas à alimentação tradicional. Não foi observada uma frequência de aceitação das PANC em um curso específico, ou seja, independentemente do curso, todos os estudantes têm um pensamento e prática semelhante em relação a essas plantas. Apesar de não terem uma familiaridade muito grande com o tema, eles reconhecem algumas espécies, ainda às utilizam na alimentação, mesmo que raramente, e reconhecem a necessidade de uma maior difusão desse conteúdo.

A partir da realização desse estudo foram desencadeadas algumas ações como: a realização de minicurso durante a I Semana de Biologia do IF Baiano *campus* Serrinha, a criação de um canal de divulgação na rede social Instagram®, e está sendo produzido um e-book com informações sobre as PANC apontadas nesse estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, N.; CASTANHEIRA, J. D. As vantagens da introdução das plantas alimentícias não convencionais na alimentação dos beneficiários do bolsa família da estratégia saúde da família Bernardo Valadares. Sete Lagoas-MG. **Rev Bras Ciências da Vida**, v. 5, n. 4, p. 16-16, 2017. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/fe8a/1896c68eae48ab67f6cf7aefd21fdddba102.pdf>>. Acesso em: 01 de jul. de 2020.

BRACK, P. Plantas Alimentícias Não Convencionais. Revista Agriculturas: experiências em agroecologia, v. 13, n. 2. p. 04-06. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2016.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Manual de hortaliças não convencionais / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**. Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo. – Brasília: Mapa/ACS, 2010. Disponível em: <http://www.abcsem.com.br/docs/manual_hortalicas_web.pdf>. Acesso em: 02 de jul. de 2020.

CARVALHO, A. J. A.; FERREIRA, M. H. S.; ALVES, J. S. **O licuri (*Syagrus coronata*, *Arecaceae*):** lavoura xerófila e agricultura familiar camponesa no semiárido do centro-norte baiano. Bahia Análise e Dados, Salvador, v. 24, n. 3, p.557-569, jul./set. 2014. p. 557-569. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/52670910/a_d_agricultura_familiar.pdf#page=149> Acesso em 02 de jul. de 2020.

CASTRO, C. M.; DEVIDE, A. C. P. **Resgate de Conhecimentos Tradicionais: produção e consumo de plantas não convencionais**. Revista Pesquisa & Tecnologia ISSN 2316-5146. vol. 12, n. 1, jan-jun. 2015.

GAMA, E. V. S.; MARQUES, C. T. S.; SOUZA, K. B. Plantas alimentícias não convencionais (PANC): um diagnóstico realizado por jovens rurais. In. RODRIGUES, T. A.; LEANDRO NETO, J.; GALVÃO, D. O. **Meio Ambiente, Sustentabilidade e Agroecologia 3**. 1ed.: Atena Editora, 2019. p. 200-205. <http://dx.doi.org/10.22533/at.ed.29319160422>

FAO, Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura; OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde. **Panorama da segurança alimentar e nutricional: sistemas alimentares sustentáveis para acabar com a fome e a má nutrição – América Latina e Caribe**, 2016. FAO/ OPAS: Santiago, 2017.

KELEN, M. E. B.; NOUHUYS, I. S. V.; KEHL, L. C. K.; BRACK, P.; SILVA, D. B. (Orgs.) **Plantas alimentícias não Convencionais (PANCS): hortaliças espontâneas e nativas**. Universidade federal do rio grande do sul. Porto alegre, 2015. 1ª edição. 45 p. Disponível em: <http://www.academia.edu/download/62215146/Cartilha_PANCS_UFRGS20200227-88787-g0wzsv.pdf>. Acesso em: 02 de Jul. de 2020.

KINUPP, V. F. **Plantas Alimentícias Não-Convencionais (PANCs): uma Riqueza Negligenciada.** Anais da 61ª Reunião Anual da SBPC - Manaus, AM - Julho/2009. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/61ra/mesas_redondas/MR_ValdelyKinupp.pdf>. Acesso em: 01 de jul. de 2020.

KINUPP, V. F.; LORENZI, H. **Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil:** guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2014. 768 p.

KINUPP, V.F.; BARROS, I.B.I. **Levantamento de dados e divulgação do potencial das plantas alimentícias alternativas do Brasil.** Hortic. Bras., v. 22, n. 2, 2004. Disponível em: <https://www.ppmac.org/sites/default/files/plantas_alimenticias.pdf>. Acesso em: 02 de jul. de 2020.

MARQUES, C. T. S.; BARBOSA, L. S.; SANTOS, E. S.; SOUZA, E. B; GAMA, E. V. S. PANC conhecidas e consumidas por estudantes do curso técnico em agroecologia do IF BAIANO *campus* Serrinha. In: II Congresso Internacional de Diversidade do Semiárido, 2017, Campina Grande: Realize, *Anais* do II CONIDIS, 2017. v. 2.

SANTOS, Edna Santana dos; MARQUES, Carla Teresa dos Santos; GAMA, Erasto Viana Silva. Plantas alimentícias não convencionais de conhecimento de estudantes ingressantes no curso técnico em agroecologia do IF Baiano *Campus* Serrinha. **Cadernos Macambira**, v.4, n.1 (2019). p. 73-74. Disponível em: <<http://revista.lapprudess.net/index.php/CM/article/view/421>>. Acesso em: 03 de Jul. de 2020.

SEI. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. Disponível em: <https://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2289&Itemid=265>. Acesso em: 03 de jul. de 2020.

TERRA, S. B.; VIEIRA, C. T. R. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs): levantamento em zonas urbanas de Santana do Livramento, RS.** *Ambiência Guarapuava* (PR) v.15 n.1 p. 112 - 130 jan/abr 2019 ISSN 1808 – 0251.